

POLÍTICA

sca

Aliados disputam palanque de FHC

Para o PFL, declarações de Motta anteciparam sua postura na reeleição do presidente

Sandra Nascimento
de Brasília

As preocupações do PFL com a entrevista concedida pelo ministro das Comunicações, Sérgio Motta, foram muito além dos cuidados

com uma possível demonstração de perda de autoridade por parte do presidente Fernando Henrique Cardoso. O que os pefelistas viram, nas entrelinhas, foi uma explícita partidização do discurso de quem hoje é o principal coordenador da campanha de Fernando Henrique para 98.

"Não sei o que deu no Motta, não entendi. Parecia o Pimentá", disse um líder pefelista, comparando o ministro das Comunicações ao ex-presidente do PSDB, Pimenta da Veiga. "O Pimenta era partidário ao extremo, sempre que podia tirava o PFL do palanque do Fernando Henrique. Motta não, muito mais pragmático, queria a gente junto. Foi isso que nos aproximou

tanto", continuou o parlamentar, lembrando a campanha de 94.

"O PSDB perdeu toda a humildade, não tem bancada nem para aprovar lei ordinária e fica achando que é o governo. O governo é a co-

ligação. Vamos ver até onde vai isso", disse o deputado Ney Lopes (PFL-RN). Para garantir seu lugar de honra no palanque do presidente, tratou de agir logo, praticamente obrigando o presidente a dizer, visivelmente constrangido, que precisa dos aliados para governar.

A avaliação dentro do partido, no entanto, é que as palavras do presidente não foram suficientemente

duras e que os ataques do ministro poderão voltar a qualquer instante. Para se sentir seguro, o PFL transformou o cargo de líder do governo na Câmara, Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA), numa espécie de bomba-relógio: se Motta criticar de novo, Luís Eduardo sai.



Fernando Henrique Cardoso

"Ele já cumpriu o protocolo, entregando o cargo ao presidente. Da próxima vez, vai fazê-lo em plenário, sem dar satisfação alguma", disse um deputado muito próximo ao líder. "Além do mais, ele não tem interesse pessoal algum em ficar", acrescentou. A amigos, o líder não esconde sua insatisfação com o cargo. "A gente fica lá, horas a fio em pé no plenário, tenso, negociando, sofrendo, para conseguir um bom resultado para o governo. Aí vem um ministro e numa entrevista, desfaz tudo", confidenciou Luís Eduardo, jurando que estava de fato entregando o cargo, e não fazendo jogo político.

Publicamente, os líderes aliados tiraram o dia de ontem para dizer que estava tudo bem depois do pronunciamento do presidente. "Para o PMDB o caso está encerrado", disse o líder do PMDB na Câmara, Geddel Vieira Lima (BA). Nos bastidores, no entanto,

a conversa era outra. "Não ouvimos o que queríamos do presidente, mas não dá para continuar reclamando", disse uma importante liderança do partido.

O PMDB foi o partido mais visado pelas críticas de Motta, o primeiro a dizer que estava tudo bem e só voltou a carga na esteira do PFL. Rachado ao meio entre governistas e não governistas, a situação dos pemedebistas não é fácil. Enquanto o PFL briga para garantir um lugar nobre no palanque de Fernando Henrique, o PMDB sequer sabe se irá subir nele.

O PSDB, por seu lado, vem fortalecendo a cada dia o discurso de partido do presidente e seu principal porta-voz é justamente o ministro Sérgio Motta. Sempre que tem oportunidade, fala em crescer no Congresso, nos estados, em transformar os tucanos em maioria absoluta. Bateu em todo mundo com sua declarações e teve o apoio explícito da bancada.

"O PSDB perdeu toda a humildade, não tem bancada nem para aprovar lei ordinária e fica achando que é governo"